

# NEM SÓ COM CASTELO SE DEFENDEU A FRONTEIRA: ATALAIAS E POVOADOS FORTIFICADOS NA MARGEM ESQUERDA DO MÉDIO CÔA

TIAGO PINHEIRO RAMOS\*

**Resumo:** Estudo sobre atalaias e povoados fortificados na margem esquerda do Médio Côa em período medieval. Metodologicamente, a investigação baseou-se numa abordagem multidisciplinar, conjugando fontes bibliográficas, fontes documentais, abordagem arqueológica e análise através de ferramentas SIG. Os resultados demonstraram a diversidade de arquiteturas utilizadas, o controlo visual como factor comum a todas elas, e a necessidade de intervenções arqueológicas para uma melhor caracterização e aferição de cronologias absolutas.

**Palavras-chave:** Arqueologia Medieval; Arquiteturas Militares; Fronteira; Rio Côa.

**Abstract:** Study about medieval watchtowers and fortified settlements from the left bank of Médio Côa. Methodologically, the investigation based on a multidisciplinary approach with bibliographical sources, documentary sources, archaeological approach and GIS analysis. The results show the diversity of architectures employed, the visual control as a common characteristic, and the necessity of archaeological excavations for a better architectural characterization and to establish chronologies.

**Keywords:** Medieval Archaeology; Military Architectures; Frontier; Côa River.

---

\* Universidade de Salamanca/ IEM/ UNL. tiagopinheiroramos@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Com o presente artigo pretende-se dar um passo na investigação, muitas vezes negligenciada pela castelologia medieval, de formas complementares de defesa e controlo do território, concretamente atalaias e povoados fortificados.

Escolhemos assim como área de estudo a micro-região da bacia hidrográfica do Médio Côa (Fig.1). A geografia desta região caracteriza-se pelo esbatimento progressivo dos maciços da Serra da Estrela para noroeste, integrando parte do planalto beirão, com fronteiras geográficas demarcadas a norte pela Serra da Marofa, a sul pelo rio Noéme, a Oeste pelos contrafortes da Serra da Estrela, e a Este pelo rio Côa. Neste percurso o Côa transcorre por um vale cada vez mais cavado no planalto, formando uma verdadeira barreira, somente transponível em alguns vaus.

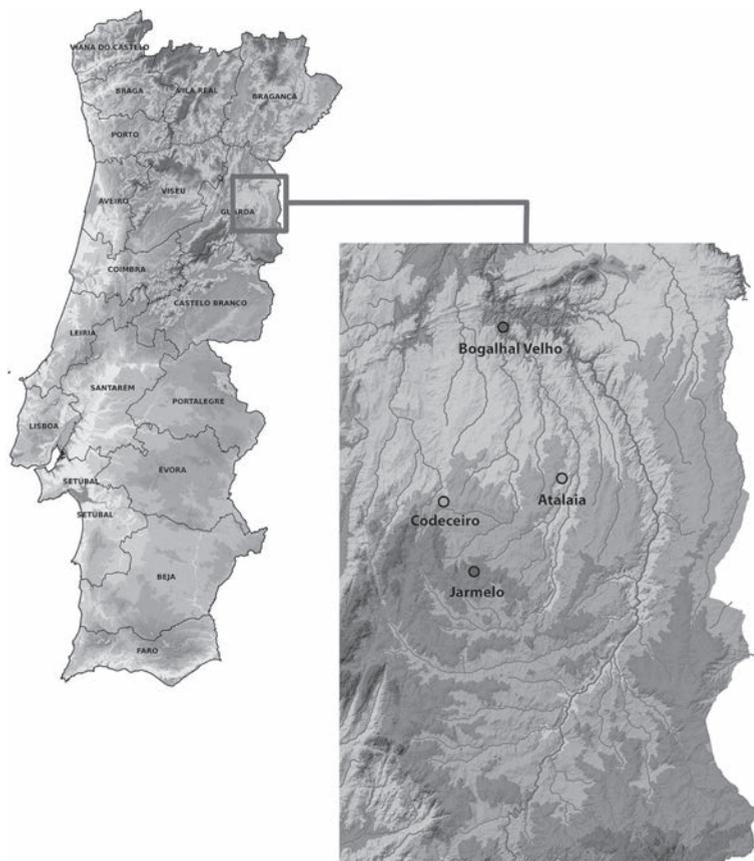


Fig. 1.  
Localização  
geográfica dos sítios  
analisados.

É precisamente por este rio que a fronteira entre os reinos de Portugal e Leão se vai estabelecer, desde os finais do século XII até ao final do século XIII, estabelecendo-se posteriormente mais para leste com a assinatura do tratado de Alcanises. Embora o conceito de fronteira em época medieval possa ser entendido com diferentes significados<sup>1</sup>, interpretamo-la aqui como o produto de poderes centralizados que pretendem demarcar áreas sobre as quais exercem o seu domínio. A sua existência supõe a presença de pelo menos uma entidade sociopolítica apta a mobilizar os recursos necessários para originar e manter o esforço fronteiriço frente a outra formação política centralizada<sup>2</sup>.

O processo de controlo e formação da fronteira já anteriormente foi alvo de vários estudos<sup>3</sup>.

*Do lado português, o início do repovoamento, que era afinal o enquadramento das comunidades existentes por poderes externos, arranca na década de 60 do século XII, ainda e apenas sobre a linha das antigas penelas e populaturas da Condessa D. Châmoa<sup>4</sup>.*

Este movimento prosseguiria para Este, conhecendo um momento importante no final da década de 90 com o foral da Guarda, atingindo totalmente a linha do Côa com os termos das vilas de Pinhel, Castelo Mendo, Touro e Sortelha, repovoadas já ao longo do primeiro quartel do século subsequente. Tal acção conheceria um processo paralelo do lado leonês. Assim, igualmente na década de 60 do século XII enceta-se o repovoamento de Ciudad Rodrigo, antes uma aldeia periférica do termo de Salamanca. Porém, as vilas do Riba Côa, como Castelo Rodrigo, Castelo Melhor, Alfaiates ou Sabugal, surgirão somente no início do século seguinte<sup>5</sup>.

Estes movimentos de ordenação social e territorial, seriam paralelamente acompanhados da militarização da fronteira, através do estabelecimento de fortificações, de forma articulada e em clara oposição entre as duas margens do rio Côa, dominadas por duas forças sociopolíticas antagónicas. Para além dos castelos, estudados aprofundadamente por Mário Barroca<sup>6</sup>, atalaias e povoados fortificados articularam-se nas linhas defensivas secundárias implantadas na região do Médio Côa, verdadeira porta de entrada para inimigos externos ao reino. Será sobre estas duas tipologias que nos debruçaremos em seguida.

---

<sup>1</sup> BEREND, 1999.

<sup>2</sup> MARTIN VISO, 2005.

<sup>3</sup> GOMES, 1998; BARROCA, 2008-2009.

<sup>4</sup> GOMES, 1998: 261.

<sup>5</sup> GOMES, 1998.

<sup>6</sup> BARROCA, 2008-2009.

## ATALAIAS

*O papel militar dos castelos não pode ser interpretado isoladamente, mas deve ter em atenção outras estruturas que lhes andaram intimamente associadas<sup>7</sup>.*

Na impossibilidade de controlarem todo o território sobre o seu domínio, a cada castelo estaria normalmente associada uma rede de atalaias que permitiam uma mais efectiva vigilância e controlo, vigiando os movimentos de exércitos inimigos e as zonas de penetração do reino.

Para a região em estudo é possível referenciar umas duas dezenas de indícios destas arquitecturas militares. Para além das referidas por Mário Barroca<sup>8</sup> acrescentamos aqui as referidas no foral de Pinhel<sup>9</sup> – Atalaia de Tramaz e Atalaia de Argomil – a atalaia de Codeceiro (Guarda) e as referidas nas memórias paroquiais de 1758<sup>10</sup>. Na sua grande maioria são apenas meros indícios toponímicos que para além de não permitirem estabelecer cronologias, carecem de constatação no terreno ou não são visíveis vestígios arqueológicos à superfície. Por este motivo escolhemos duas ocorrências que apresentam ainda vestígios arqueológicos passíveis de análise: Atalaia (Pinhel) e Codeceiro (Guarda)(Fig.2).



Fig. 2. Atalaia e Codeceiro.

## ATALAIA

No topo da actual aldeia de Atalaia (concelho de Pinhel), a 733m de altitude encontram-se ainda visíveis paramentos que pertenceram a uma possível atalaia, referida já nas memórias paroquiais de 1758 em estado de ruína<sup>11</sup>. A sua localização é exímia atendendo às suas características geoestratégicas. Implantada numa

<sup>7</sup> BARROCA, 2008-2009: 228.

<sup>8</sup> BARROCA, 2008-2009.

<sup>9</sup> PERESTRELO & FERREIRA, 2002; COSTA, 2010.

<sup>10</sup> CAPELA & MATOS, 2013.

<sup>11</sup> CAPELA & MATOS, 2013.

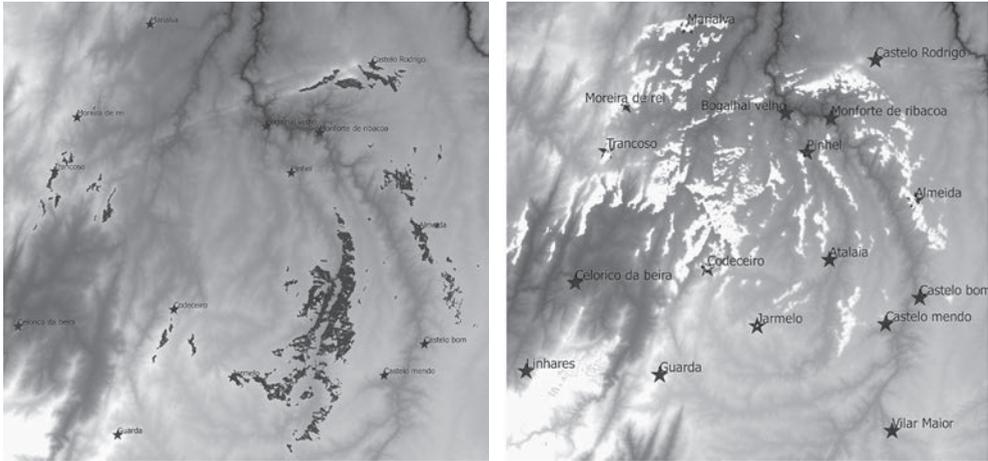


Fig. 3. Bacias visuais de Atalaia e Codeceiro.

zona escarpada, em que na parte Este o declive ascende a mais de 25%, aproveita estas características defensáveis naturais.

Sobranceira à confluência da ribeira de Pínzio com a ribeira das Cabras, na margem esquerda da primeira, domina visualmente todo o vale por onde estas ribeiras transpassam e o seu vau de passagem. No entanto, recorrendo a uma análise de bacia de visão, através do software QuantumGIS, num raio de 30 Km, tendo como ponto de elevação 5m acima do actual nível do solo, os resultados obtidos demonstram-nos um vasto território alcançável visualmente. É assim possível o contacto visual com Trancoso, Castelo Rodrigo, Almeida, e Jarmelo (Fig. 3).

Apresenta uma planta rectangular, 15 x 8m, ostentando na zona nordeste uma estrutura posterior, de difícil caracterização, mas que poderá ter servido de apoio à colocação de artilharia em época moderna. Os paramentos foram erigidos sem qualquer recurso à isodomia, sendo visível duas tipologias distintas. A primeira recorrendo a grandes blocos graníticos, toscamente afeiçoados, é visível no paramento sul, e na base do paramento oeste; a segunda é composta por pedras de pequena e média dimensão, pouco afeiçoadas, sendo visíveis nos restantes troços dos paramentos. Face à sua disposição estratigráfica pode considerar a existências de duas fases construtivas. Todavia não é, ao momento, possível aferir se correspondem a dois momentos cronológicos diferentes ou apenas um só.

O estabelecimento de uma cronologia absoluta para esta estrutura é também difícil de se estabelecer. Apenas podemos avançar uma proposta cronológica, época medieval, face a alguns indícios recolhidos. Atalaias com planta circular poderão corresponder já a arquitecturas de época moderna<sup>12</sup>, o que não é o caso.

<sup>12</sup> BARROCA, 2008-2009.

Por outro lado, existe documentação do século XIII, referente à aldeia de Carvalhal de Atalaia, anexa de Atalaia<sup>13</sup>. Por fim, as recentes visitas ao local permitiram identificar fragmentos cerâmicos datáveis dos séculos XIII, como uma asa puncionada. Todavia só a realização de escavações arqueológicas possibilitará balizar cronologias.

## CODECEIRO

Na zona mais elevada da actual aldeia de Codeceiro (Guarda), a 805 m de altitude, por entre afloramentos graníticos (Fig. 2), descobrem-se ainda paramentos de uma torre, referida nas memórias paroquiais de 1758 como pequena torre quase arruinada<sup>14</sup>. A sua implantação privilegiou a escolha de um local com difícil acesso por norte, onde o declive ascende a mais de 25%, tendo-se nesta zona erigido o acesso ao interior. Estabelecida sobre uma linha de festo, a sua localização permite um óptimo domínio visual sobre os vales da ribeira de Massueime, a oeste, e da ribeira de Pêga, a este. Contudo, ao realizarmos uma análise de bacia de visão, a partir de 5m da cota actual, para um raio de 30 km, é possível o contacto visual com Moreira da Rei, Trancoso, Pinhel, Almeida e Jarmelo (Fig. 3).

Com uma planta rectangular, 11 x 7m, aproveita os afloramentos rochosos para apoiar os paramentos. Estes foram construídos com blocos graníticos aparelhados, apresentando certa isodomia, não se constatando em nenhum deles qualquer marca de canteiro, apresentando apenas uma fase construtiva.

Mais uma vez, estabelecer uma cronologia é difícil de gizar face à inexistência de escavações arqueológicas. Segundo o general João de Almeida<sup>15</sup> tratar-se-ia de uma construção castreja, reutilizada em épocas romana e suevo-visigótica. Estas considerações não deverão ser tidas em contas, uma vez que as prospecções arqueológicas realizadas na zona envolvente não revelaram a existência de vestígios materiais que recuem a esses períodos. Por outro lado, mais uma vez, partindo do pressuposto de que atalaias com plantas circulares serão já de época moderna<sup>16</sup>, aliado ao conhecimento que as fontes documentais nos facultam – existência da aldeia de Codeceiro em 1230<sup>17</sup> – apontamos que esta estrutura remontará a período medieval.

<sup>13</sup> VENTURA & MATOS, 2010.

<sup>14</sup> CAPELA & MATOS, 2013.

<sup>15</sup> ALMEIDA, 1943; —, 1945.

<sup>16</sup> BARROCA, 2008-2009.

<sup>17</sup> VENTURA & MATOS, 2010.

## POVOADOS FORTIFICADOS

O recurso à fortificação de povoados não é uma solução *ex novo* de época medieval. Desde os primórdios do calcolítico que começam a aparecer recintos fortificados<sup>18</sup>. Caracterizam-se por serem um tipo de habitat concentrado, circunscrito e delimitado fisicamente por um recinto amuralhado. A sua viabilidade temporal é notória, existindo exemplos da utilização destas arquitecturas, na região em estudo ou em área limítrofes, em período proto-histórico<sup>19</sup>, tardo-antigo<sup>20</sup>, altomedieval<sup>21</sup>, e medieval<sup>22</sup>.

Todavia o estudo deste tipo de arquitecturas militares assemelha-se complicado.

*O universo das povoações fortificadas é, como se sabe, substancialmente distinto do dos castelos, com motivações por vezes até distintas<sup>23</sup>.*

A ainda diminuta investigação arqueológica, quer intervenções no subsolo ou prospecções intensivas, não coaduna a um maior conhecimento sobre estas arquitecturas.

Foram escolhidos dois povoados – Santa Maria de Porto de Vide e Jarmelo – que pelas suas características se podem considerar como povoados fortificados (Fig. 4). Para além destes dois exemplos, na margem esquerda do Médio Côa, foi recentemente identificado o povoado de Cortes (Parada, Almeida)<sup>24</sup>. Todavia, pela impossibilidade de visita ao local optamos por não o incluir neste estudo, ficando a aguardar futuros estudos.



Fig. 4. Bogalhal Velho e Jarmelo.

<sup>18</sup> CARDOSO, 2002.

<sup>19</sup> VILAÇA *et al.*, 2015.

<sup>20</sup> MARTIN VISO, 2014.

<sup>21</sup> TENTE, 2013.

<sup>22</sup> RAMOS, 2014.

<sup>23</sup> BARROCA, 2008-2009: 227.

<sup>24</sup> FONTE, 2015.

## SANTA MARIA DE PORTO DE VIDE

Actualmente desertificado, e conhecido por Bogalhal Velho, este povoado situado na freguesia de Bogalhal (Pinhel) descobre-se num pequeno monte, a 478m de altitude, na margem esquerda da ribeira das Cabras, justamente onde esta desagua no rio Côa, em frente à Serra da Marofa.

A sua implantação permite-lhe um privilegiado controlo visual sobre uma das poucas zonas de passagem do rio côa e ribeira das cabras, um verdadeiro porto (Porto de Vide). Todavia, de todos os sítios aqui analisados, é o que possui uma bacia de visão menor, mesmo tendo em conta a hipotética existência de uma torre com 5m de altura. Pelos condicionalismos orográficos que o circundam, não lhe é possível avistar Castelo Rodrigo ou Monforte de Ribacôa, castelos leoneses até ao final do século XIII. Todavia, pela análise SIG realizada, ser-lhe-ia possível um contacto visual com o castelo de Pinhel (Fig. 5).

No seu recinto são ainda visíveis estruturas habitacionais, e na parte central do povoado ergue-se uma derruída igreja, de arquitectura gótica. É a esta “praça” central que vão dar as três vias que rasgam o povoado. Face à vegetação existente e à criação de socalcos para actividades agrícolas, a identificação de estruturas defensivas é bastante difícil. Presentemente, apenas se averigua a inexistência de qualquer tipo de torre de menagem ou torre/torreão adossado a muralha. A própria existência de troços de muralha é difícil de constatar. Contudo, e como referido anteriormente por outros autores<sup>25</sup>, acreditamos estar na presença de um povoado fortificado. Os troços de muralha, nas zonas norte, e sul, deverão corresponder a um dos socalcos agrícolas, que se encontram rasgados pelas vias de acesso ao povoado. Estes são constituídos por pequenos e médios blocos graníticos, não afeiçoados, e dispostos de forma rudimentar sem qualquer respeito pela isodomia. Na zona Este, observa-se a inexistência de qualquer tramo de muralha. Esta zona é naturalmente defensível, uma vez que se trata da escarpa da margem esquerda da ribeira das Cabras, com declives superiores a 25%. Na zona oeste, a existência de troços de muralha é mais difícil de deslindar. No entanto, é também nesta zona que existe um maior número de *thors* graníticos que poderão ter servido de apoio, ou mesmo incorporar o próprio recinto fortificado.

Mais uma vez, estabelecer cronologias afigura-se um processo de difícil indagação. Segundo Manuel Perestrelo<sup>26</sup> no local encontraram-se moinhos manuais circulares, fragmentos de cerâmica manual grosseira, e um fragmento de tegullae que provariam a ocupação do sítio em período proto-histórico e romano. Contudo

---

<sup>25</sup> PERESTRELO, 2003.

<sup>26</sup> PERESTRELO, 2003.

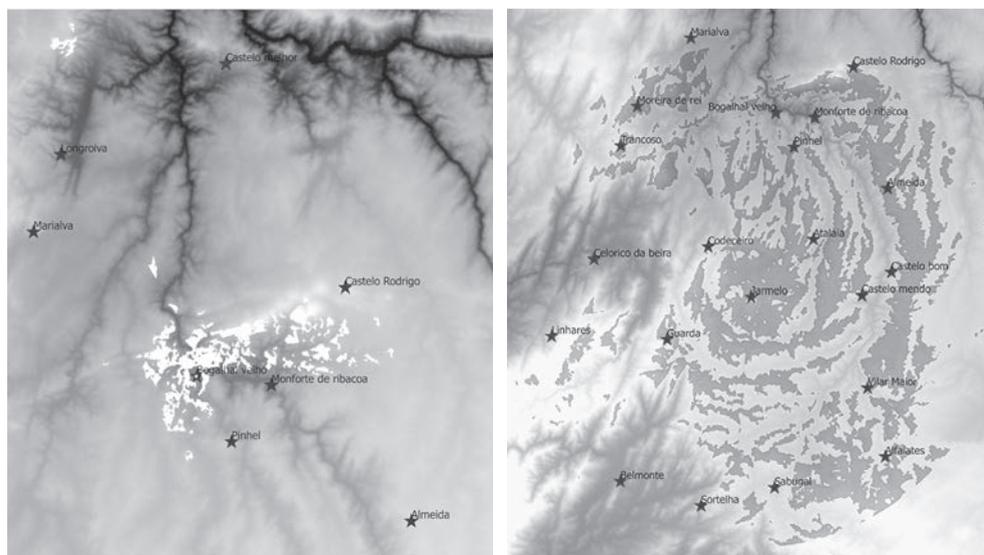


Fig. 5. Bacias visuais de Bogalhal Velho e Jarmelo.

face à inexistência de intervenções arqueológicas estes dados carecem de constatação. As visitas efectuadas ao local permitiram identificar fragmentos cerâmicos de período medieval e um sarcófago antropomórfico incompleto, nas imediações das ruínas da igreja gótica. Todavia não foram identificados materiais cerâmicos enquadráveis em época moderna, como faiança. A documentação medieval consultada, apenas nos dá notícias deste povoado em 1320, sendo-lhe cobrada 10 libras de renda<sup>27</sup>. Esta notícia demonstra-nos a vitalidade do povoado ainda no século XIV. Todavia, no presente momento, não sabemos desde quando se encontra habitado, nem o momento do seu total despovoamento. Apenas sabemos, através das memórias paroquiais de 1758, que se encontrava já na altura despovoado, existindo apenas uma ermida à qual a população de diferentes aldeias vinha em romaria<sup>28</sup>.

## JARMELO

O Castro do Jarmelo (concelho da Guarda) foi por nós alvo de estudo para a dissertação de mestrado em arqueologia<sup>29</sup>. Consequentemente é esse o motivo pelo qual possuímos mais dados, que em seguida comentaremos.

<sup>27</sup> BOISSELIER, 2012.

<sup>28</sup> CAPELA & MATOS, 2013.

<sup>29</sup> RAMOS, 2014.

Sobre o sítio arqueológico em estudo (Fig. 4), o geógrafo Orlando Ribeiro<sup>30</sup> toma-o como exemplo de um monte-ilha ou *Inselberg*. Ou seja, um relevo residual, de vertentes côncavas e altura relativa de 100 a 200m que se eleva acima da planimetria da Meseta. É no topo desta formação geológica que se encontra o povoado fortificado do Jarmelo, a 943m de altura. Este destaca sobre o planalto, permite-lhe um vasto domínio visual, atingindo zonas mais recuadas com Trancoso ou Moreira de Rei, a serra da Marofa e Castelo Rodrigo, toda a linha de fecho que constitui a margem direita do rio Côa, e a sul a cadeia montanhosa constituída pela serra de Mesas, Cabeço das Fráguas e Serra da Borges. Somente, face às condições orográficas dos castelos de Castelo Bom, Castelo Mendo e Sabugal, não lhe é possível estabelecer uma linha de visão directa com os referidos castelos.

Concretamente sobre o sistema defensivo deste povoado, o conhecimento actual apenas permite constatar a existência de um único sistema amuralhado. Construído recorrendo-se de granito local, adapta-se à topografia acidentada do terreno e incorpora os afloramentos rochosos existentes como suporte e parte integrante da sua malha. Apresenta uma planimetria ovalada, mas com inflexões rectas, rasgada por três entradas, não se reconhecendo o tramo da muralha na zona sul do povoado. Os paramentos são na sua maioria composto por pedras de pequenas dimensões arredondadas. Diferem, no entanto, o paramento da zona nordeste, constituído por pedras de maiores dimensões e com um certa pseudo-isodomia, assim como na parte final do tramo Este, que apresenta grandes blocos graníticos fazendo lembrar um aparelho ciclópico. É de destacar neste sistema a utilização de alguns elementos, como o adocamento de um muro de suporte de escadas de acesso ao adarve, ou o acrescento posterior de uma estrutura rectangular na zona nordeste, que poderá ter sido uma torre. Estes remetem para soluções da arte de guerra do período gótico. Quanto a paralelos, tendo-se em conta a morfologia de implantação, existem soluções idênticas na região como o castelo de Moreira de Rei. Contudo quanto ao aparelho o exemplo regional que mais se assemelha acha-se na aldeia fortificada do Sabugal Velho.

Aferir cronologias de ocupação do povoado e do sistema defensivo, com critérios científicos, têm vindo recentemente a ser por propostas<sup>31</sup>. Materiais líticos recolhidos numa intervenção de emergência em 1998, apontam para uma presença humana enquadrável na Pré-história Recente. No entanto será a partir de época medieval que a ocupação antrópica do povoado é mais efectiva. Embora ainda pouco incipientes, alguns vestígios arqueológicos – fragmento de ajimez datável do século IX/X; fragmentos cerâmicos enquadráveis nos séculos X/XI – permitem

---

<sup>30</sup> RIBEIRO, 1987.

<sup>31</sup> RAMOS, 2014; RAMOS & PEREIRA, 2015.

constatar uma ocupação de época altomedieval<sup>32</sup>. Mas é sobretudo a partir do século XIII que possuímos um melhor conhecimento da ocupação do sítio. Quer através de fontes documentais, referência mais antiga no foral de Pinhel de 1209<sup>33</sup>; quer através dos diferentes vestígios arqueológicos recolhidos e estudados<sup>34</sup>. A desertificação total do povoado, que chegou a ser vila e cabeça de concelho<sup>35</sup>, só terá ocorrido nos inícios do século XVIII<sup>36</sup>. Relativamente ao sistema defensivo, pelas características anteriormente referidas, e pelos materiais recolhidos nas sondagens realizadas junto aos tramos do paramento<sup>37</sup> acreditamos ter uma cronologia medieval. Contudo, parte(s) dele terão sido alvo de reconstruções posteriores. É assim que compreendemos a notícia de muros feitos às próprias expensas dos moradores nos reinados de D. Afonso V e D. João II<sup>38</sup>. Inclusivamente, o agora desaparecido tramo sul terá sido arrasado já em época moderna para dar lugar a um conjunto de habitações que ainda hoje são visíveis<sup>39</sup>.

## NEM SÓ COM CASTELOS SE DEFENDEU A FRONTEIRA...

A defesa e domínio de um vasto território, ou de uma fronteira, não poderiam ser concretizados sem a articulação geoestratégica de vários núcleos ao longo do território. No topo desta hierarquia estaria o castelo, «...fortificação militar por excelência, onde eram empregues as técnicas de construção defensiva, e se encontravam os profissionais da guerra»<sup>40</sup>, tendo como função a defesa de pontos estratégicos vitais. Estes formavam a primeira linha de contenção de possíveis invasões vindas de Leste. Mas de forma a um efectivo controlo do território seria necessário a articulação com outros tipos de fortificações. A génese de atalaias e povoados fortificados obedeceram a motivo substancialmente diferentes, embora numa análise global possam ser entendidos como formas complementares de controlo e defesa de uma região.

Como anteriormente referido, as atalaias estariam em estreita ligação, pelo menos visual, com um castelo, funcionando como primeiro ponto de defesa e

---

<sup>32</sup> RAMOS, 2014.

<sup>33</sup> COSTA, 2010.

<sup>34</sup> RAMOS, 2014.

<sup>35</sup> COELHO & MORUJÃO, 2010.

<sup>36</sup> RAMOS & PEREIRA, 2015.

<sup>37</sup> RAMOS, 2014.

<sup>38</sup> GOMES, 1987; COELHO & MORUJÃO, 2010.

<sup>39</sup> RAMOS & PEREIRA, 2015.

<sup>40</sup> BARBOSA, 2008: 103.

alerta. A sua localização no terreno privilegia locais de passagem, quer se tratem de vias, pontes, portos secos ou vales estratégicos. Os dois casos aqui referidos são exemplos claros desta estratégia. De referir que, no caso de Codeceiro, esta torre poderia controlar uma via – da qual ainda se conservam troços de calçada de cronologia indeterminada – que ligaria a cidade da Guarda a Pinhel<sup>41</sup>. Também a documentação medieval, século XIII, relata a existência de um caminho que ligava esta povoação ao Jarmelo<sup>42</sup>.

Diferindo tanto das atalaias, por possuírem uma componente residencial/abrigo em tempo de guerra, como dos castelos, por possuírem um aparelho defensivo menos complexo, surgem-nos os povoados fortificados. De difícil cronologia e caracterização, os dois exemplares aqui analisados poderiam corresponder ao que na documentação medieval se apelida de “castrum”<sup>43</sup>. Curiosamente, em toda a documentação consultada para o Jarmelo<sup>44</sup> nunca surge esta designação. Todavia, inegáveis são as suas condições de defesa natural e a sua primazia visual sobre zonas de passagem, que no caso do Jarmelo ultrapassa esta premissa, tendo um controlo visual primordial sobre todo o planalto beirão. Será por estas condições que após o tratado de Alcanises, ambos os povoados não são abandonados, ao contrário do que acontece com Monforte do Riba Côa ou Caria Talaia.

Castelos, atalaias, povoados fortificados, e outros sistemas de controlo e defesa do território de menor dimensão e importância, articular-se-iam de forma a criar um sistema de defesa, principalmente passiva, sobre a fronteira que representava o rio Côa antes do tratado de Alcanises. Mesmo após a assinatura deste, «... a preservação da fronteira negociada com Castela pressupunha o rápido povoamento dos lugares raianos, um desiderato que só a garantia de defesa proporcionada pela presença de fortalezas capazes poderia permitir alcançar»<sup>45</sup>.

De forma a fazer frente à investida de exércitos inimigos por uma das históricas vias de penetração no reino português, e após a incorporação dos castelos de Ribacôa, formaram-se três linhas de detenção ao longo do reino numa disposição paralela com sentido Norte-Sul<sup>46</sup>. Segundo este autor, estas linhas encontravam-se bastante visíveis na zona beirão: uma primeira encostada à fronteira na zona raiana, uma segunda linha mais interior que se estendia desde o Lamego até Castelo Branco, e, por fim, uma terceira em núcleos mais litorais em torno de Coimbra e da estrada de ligação a Lisboa. Seria agora no contexto da segunda linha defensiva

<sup>41</sup> PERESTRELO & FERREIRA, 2002; PERESTRELO, 2003.

<sup>42</sup> VENTURA & MATOS, 2010.

<sup>43</sup> BARBOSA, 2008.

<sup>44</sup> RAMOS, 2014.

<sup>45</sup> MONTEIRO, 1999: 22.

<sup>46</sup> MONTEIRO, 1999.

que se enquadrariam as atalaias e povoados aqui analisados, e que deixarão de ser fulcrais com o advento das inovações pirobásticas de época moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo das atalaias e povoados fortificados encontra-se ainda bastante descurado no que concerne à investigação histórica e arqueológica. Temos a noção que com o presente texto apenas realizámos uma diminuta e embrionária análise destas arquitecturas militares na região do Médio Côa.

Exceptuando o sítio do Jarmelo, nenhum dos outros sítios foi alvo de intervenção arqueológica. Por esse facto aferir cronologias e otimizar tipologias e fases construtivas afigurou-se difícil, não estando isento de que no futuro, as premissas tidas aqui em conta sejam redefinidas ou mesmo refutadas.

Em suma, ficou demonstrado a importância estratégica de controlo visual que estes sítios possuíam, e os diferentes modelos arquitectónicos a que recorreram na elaboração do seu sistema defensivo.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João de (1943) – *Roteiro dos monumentos de arquitectura militar do concelho da Guarda*. Lisboa: [s.n.].
- (1945) – *Roteiro dos monumentos militares portugueses (distritos da Guarda e Castelo Branco)*. Vol. I, Lisboa: [s.n.].
- BARBOSA, Pedro Gomes (2008) – *Reconquista cristã: século IX-XII*. Lisboa: Ésquilo.
- BARROCA, Mário (2008-2009) – *De Miranda do Douro ao Sabugal: arquitectura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira*. «Portugalia» Nova Série, vol XXIX-XXX, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p.193-252.
- BEREND, Nora (1999) – *Medievalist and the notion of frontier*. «The Medieval History Journal», vol. 2:1, p.55-72.
- BOISSELLIER, Stéphane (2012) – *La construction administrative d'un royaume: registre de bénéfices ecclésiastiques portugais (XIII-XIVe siècles)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- CARDOSO, João Luis (2002) – *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CAPELA, José & MATOS, Henrique (2013) – *As Freguesias do Distrito da Guarda nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: Edição José Viriato Capela.
- COELHO, Maria & MORUJÃO, Maria do Rosário (2010) – *Foral Manuelino de Jarmelo*. Guarda: Museu da Guarda e A.C.D. Jarmelo.
- COSTA, Paula (2010) – *Os Forais de Pinhel*. Pinhel: Câmara Municipal de Pinhel.

- FONTE, Beatriz. (2015) – *Arqueologia, Património e Museus na Câmara Municipal de Almeida*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado.
- GOMES, Rita Costa (1987) – *A Guarda medieval: posição, morfologia e sociedade (1200-1500)*. «Cadernos de História económica e social», nº9/10, Lisboa: Edições Sá da Costa.
- GOMES, Paulo Dordio (1998) – *Centros de povoamento: um percurso pelas Vilas medievais*. In LIMA, Alexandra, coord. – *Terras do Côa, da Malcata ao Reboredo. Os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, p. 59-63.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2005) – *Una frontera casi invisible: los territorios al norte del sistema central en la Alta Edad Media (siglos VIII-IX)*. «Stvdia Histórica: História Medieval», 23. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca p. 89-114.
- (2014) – *Castella y Elites en el Suroeste de la Meseta del Duero Postromana*. In CATALÁN, Raúl, FUENTES, Patricia; SASTRE, José Carlos (coord.) – *Las Fortificaciones en la Tardoantigüedad. Élités y articulación del territorio (siglos V- VIII d.C.)*. Madrid: Ediciones La Ergástula, p.247-274.
- MONTEIRO, João Gouveia (1999) – *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Notícias.
- PERESTRELO, Manuel & FERREIRA, Maria do Céu (2002) – *Fortificações e caminhos medievais no Médio Côa*. In FERNANDES, Isabel (coord.) – *Mil anos de Fortificações na Península e no Magreb (500-1500)*. *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa/Palmela: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, p. 885-893.
- PERESTRELO, Manuel Sabino (2003) – *A Romanização na Bacia do rio Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Côa.
- RAMOS, Tiago (2014) – *O Castro do Jarmelo em época medieval: contributo da arqueologia para o seu estudo*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado.
- RAMOS, Tiago & PEREIRA, Vitor (2015) – *A Faiança da Antiga Vila do Jarmelo (Guarda) contributos para o seu conhecimento*. «Al-madan» IIª série, nº20 (tomo 1), Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p.6-20.
- RIBEIRO, Orlando (1987) – *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições J. Sá da Costa.
- TENTE, Catarina (2013) – *Soluções defensivas das comunidades rurais no Alto Mondego entre os séculos IX e X*. In FERNANDES, Isabel Cristina (Ed.) – *II Simpósio Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol 1, Lisboa: Edições Colibri, p. 43-49.
- VENTURA, Leontina & MATOS, João da Cunha (2010) – *Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278)*. Coimbra: [s.n.]
- VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos; SALGADO, Telmo (2015) – *Muralhas proto-históricas no Alto Côa (Portugal): análise com ferramentas SIG e 3D*. In RODRIGUES, Oscar; PORTILLA, Raquel; SASTRE, José Carlos; FUENTES MELGAR, Patricia, coord. – *Fortificaciones en la Edad del Hierro: Control de los recursos y el territorio*. Valladolid: Glyphos, p. 307-323.